

LCF0270201 - Educação Ambiental

Maria Angélica de Oliveira Raffaelli – nº8967406

Reflexões após assistirmos aos documentários “As quatro ecologias” de Leonardo Boff e “O pesadelo de Darwin”.

Mosaicos

Ato 1- Dentro do meu carro aguardo para sair do estacionamento. Aproveito para conferir se as portas e janelas do veículo estão travadas. Saio em fila indiana com outros veículos, o bairro que percorremos é comercial e está deserto naquele horário da noite. Para descontraí-lo comento com minha irmã o quanto foi bom o concerto e como me impressionou o virtuosismo do pianista russo. Ela reforçou o quanto se encantou com a Sala São Paulo, uma das dez melhores salas de concerto em termos acústicos do mundo. Volto a realidade do caminho, temo ter que parar em um sinal vermelho, estou alerta.

Ato 2 – Acabei de receber notícias de um amigo meu. Estou preocupada com ele, sua empresa está em situação crítica. Empresa familiar, com tradição no ramo de atuação, carteira de clientes assídua. Como chegou a tal situação? Má gestão, muitos funcionários? O ponto de partida da crise foi a ousadia, quis crescer, dentro do mesmo lote reformou, ampliou. O que deveria custar um determinado valor no meio do caminho dobrou, o dinheiro rareou e a obra parou. Daí veio a crise econômica em que estamos hoje mergulhados, esse meu amigo bate os braços aflitos para conseguir sobreviver.

Ato 3 – Aula de Educação Ambiental, o professor propõe uma dinâmica diferente para a aula de hoje: vamos assistir a um documentário, “O pesadelo de Darwin”. Fomos avisados de que teríamos que ter “estômago” para ver as imagens e realidade documentada no filme que se passa na Tanzânia. Realmente não se assiste sem ficar impactado pela situação de pobreza extrema, abandono social e oportunismo econômico e de forças políticas. Pensei várias vezes durante o filme em parar de comer peixe - agora já não me parece tão saudável - mas essa minha decisão não iria ajudar a mudar um pouco a realidade cruel da Tanzânia.

O que tem em comum essas três cenas? Emocionalmente meu subconsciente as ligou e agora racionalmente quero descobrir essas ligações. São três momentos de

realidades atuais com traços em comum. A famosa Sala São Paulo foi concebida dentro do que há de moderno tecnicamente para uma sala de concertos, restauração de um bem tombado e revitalizado para um uso cultural. Faz parte de uma estratégia urbanística de intervenção no bairro em que está inserida juntamente com outros espaços para fomentar a cultura e o lazer na cidade. No papel a proposta foi digna dos mais diversos apoios e aplausos, com esse tipo de intervenção busca-se a melhoria dessa área decadente da cidade, porém, ainda hoje a cracolândia existe. Deixando graças aos projetistas que planejaram um grande estacionamento interno que além do conforto proporcionam ao público dos eventos a segurança e restringiram a possibilidade de dificuldades advindas do contato com a área externa. A cruel realidade da área urbana, onde ser e ter se confundem, a cidade transparece sua ocupação: local dos excluídos, dos que detêm o poder econômico e da grande massa trabalhadora. A grande cidade traz de volta a sensação da "selva" e da luta pela sobrevivência.

No ato 2, a reflexão volta para o sistema econômico da cidade, do governo. A falta de escrúpulo de um grupo, com atos de corrupção, minou a confiança das organizações e dos investidores. O Brasil está parando com números alarmantes de desempregados e empresas pedindo falência. Mesmo em um nível mais estável de organização, um comércio já consolidado e com clientes, a situação econômica vigente repercute e impacta.

No ato 3, no filme, apesar das peculiaridades da realidade desta região da Tanzânia, nada que se passa lá é diferente do que já acontece nos grandes centros urbanos do terceiro mundo. A fome, a prostituição, menores abandonados e nas ruas, a falta de perspectiva, a condição desumana de vida, a massa de trabalhadores servindo ao mercado e ao dono da companhia.

Minha sensação geral é de descrença nos caminhos de evolução do ser humano, haveria instrumentos capazes de corrigir os rumos negativos e alterar de forma mais fraterna e igualitária nossas realidades? A Educação é a resposta e busco no texto que estou lendo, "O que é Educação" de Carlos Rodrigues Brandão, pontos de reflexão. Segundo Brandão, a educação existe onde não há a escola e por toda a parte podem haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado. Diz também Brandão, "quando um povo alcança um estágio complexo de organização da sua sociedade e de sua cultura; quando ele enfrenta, por exemplo, a questão da divisão de trabalho e, portanto, do poder, é que

ele começa a viver e a pensar como problema as formas e os processos de transmissão do saber”.

No documentário sobre a situação existente na Tanzânia, observa-se que jovens, vivendo originalmente em um regime tribal onde a educação se faz de forma natural e difusa por todos os elementos do clã, optam pela cidade em busca de novas perspectivas de vida e trabalho. Lá precisam se inserir na economia existente como mão de obra adequada. Caso isso não ocorra ficam marginalizados do processo econômico e, estando fora do seu clã original e sem assistência governamental da educação formal, quais serão as alternativas para esses jovens? Brandão mostra que dentro da comunidade, existe um saber coletivo, aquilo que todos conhecem de algum modo, o saber próprio dos homens e das mulheres, crianças, jovens e idosos. Todos que convivem aprendem da sabedoria do grupo social e da força das normas dos costumes da tribo que torna cada um de seus elementos aptos e socialmente reconhecidos, legitimados para a convivência social, o trabalho, as artes da guerra e ofícios. Na situação de viver em uma comunidade carente e desestruturada as trocas de saberes continuam, haverá espaço para crescimento da criminalidade com uma alternativa a uma nova perspectiva de vida.